

# PIM \* PAM \* PUM



DIRECTOR: AUGUSTO

DE SANTA-RITA

## PANTALEÃO PEQUENO HEROI SERENO E MACARENO

Por FERNAND'ALMIRO

**P**ANTALEAO Pequeno, o fiel propagandista das ceroulas de atilhos e das botas de elástico; o único aviador que consegue voar de chapéu de côco; o inconfundível piloto de barbas à porta-machado; o mais sereno e macareno navegador do espaço, estava lançado na vida do ar, graças às suas piramidais excentricidades. Certo dia, quando fazia a mala para seguir viagem, notou toda a sua roupa branca marcada com P. P. Enfurecido, pela primeira vez na sua vida, chamou a governanta à pureidade e perguntou-lhe, à queima-roupa, agitando no ar umas ceroulas de malha — o corpo de delito.

— «Porque fez você, mulher, tamanha ofensa à sagrada memória do meu respeitável bisavô?»

— «Então a roupa do sr. Pantaleão Pequeno não se deve marcar com dois P. P. grandes?!» — inquiriu a pobrezita apalermada.

— «Não, mulher ignorante dos valores intrínsecos dum cidadão! O meu bisavô, general, que Deus tem, é que era Pantaleão Pequeno, com dois P. P. grandes, ouviu? Eu, como seu humilde descendente, sou Pantaleão Pequeno, com dois p. p. pequenos, que querem dizer: por procuração: — p. p.»

E a pobre Gertrudes, perfeitamente abananaada com aquela lógica de ferro e maravilhoso exemplo de humildade

familiar, jurou aos seus deuses nunca mais marcar a roupa do nosso herói senão com p. p., perfeitamente minúsculos.

\* \* \*

Pantaleão tinha resolvido oferecer-se para combater, como «piloto de caça», ao lado dos aliados. Certa manhã, péga na mala, depois de envergar a sua «combinação de voo» sobre o seu inseparável fraque, abraça a sua fidelíssima senhora Gertrudes, e diz-lhe, ufano do seu saber, ao ver-lhe lágrimas sentidas e silenciosas:

— «Não chores, mulher! O nosso grande Camões já dizia: «A Pátria honrai, que a Pátria vos contempla.»

E rompeu escada abaixo, decidido, mais do que nunca, a honrar a Pátria com as suas proezas de aviador. Minutos depois, entrara na Legação e fazia o seu oferecimento em termos hombásticos e arrebatadores.

— «Senhores: Sou Pantaleão Pequeno, o mais pequeno, da geração dos Pequenos do Campo Pequeno, mas sou grande na alma, como todo o bom portuguêsinho que se préza. Estou pronto a derramar o meu sangue azul, mas não lhes pareça mal se virem algum dia que ele é vermelho, como o de toda a gente. E' que eu sou Pantaleão Pequeno, por procuração p. p. e, nesta conformidade, não posso manter em tudo a tradição dos meus antepassados. Se por infelicidade minha, virem o meu sangue vermelho, por quem sois, não me chameis de geração! Aceitai-me, senhores, como piloto nas nas vossas esquadrilhas!...»

Então, o secretário da Legação, como visto com a sinceridade daquela rasgada oratória, interrogou Pantaleão:

— «E que provas me dá o senhor da sua competência como piloto de caça?»

E o nosso Pantaleão — o cúmulo da serenidade — respondeu, «incontinenti» e sem pestanejar:

— «Quanto a piloto.. eis aqui o meu «breve» de «turismo»; quanto a caça... já matei perdizes, patos e codornizes a zagalote; sei atirar aos pratos e, quando passei por Angola, cacei um leão, fazendo-o cair numa ratoeira!...»

\* \* \*

Como informação, para piloto de caça, era pouco, e Pantaleão não foi aceite; mas, como não era homem que desistisse ao primeiro fracasso, pensou, matutou, parafusou, espremeu a massa encefálica, gastou o fósforo todo — isto, no fim de contas, é tudo a mesma



coisa, mas é para que os meninos vejam o tremendo esforço que fez o cérebro de Pantaleão — mas encontrou uma forma de prestar o seu concurso. Andou, dias e dias, pelos vários campos de aviação a contratar pilotos, mas nem todos lhe serviam. O nosso homem apresentara uma condição de veras apertada, e, nessa conformidade, viu-se em palpos de aranha para encontrar o que precisava.

Finalmente, depois dum mês de buscas incessantes, conseguiu o almejado objectivo: contratar oito pilotos decididos para com eles formar uma esquadrilha.

Fez, depois, vários exercícios, em «voo de grupo», mas a voar, todos a uma, bem podiam competir com ele em azellice aviatória. No entanto, Pantaleão considerava-se satisfeito e, no fim de cada exercício, mesmo que terminassem por uma «capotagem» ou uma «aterragem forçada», de qualquer dos componentes, Pantaleão premiava os pilotos com frases espampanantes:

— «Bravíssimo, rapazes! Vocês foram estupendos! Serenos novos ases, como Guynemer!»

E Pantaleão Pequeno, sereno e macareno, apresentou-se de novo na Legação, oferecendo os serviços duma completíssima e competentíssima esquadrilha de caça.

(Continua na pág. 6)



# FAJOCA, PATACHOCA e CARALAROCA

(Continuado do número anterior)



No episódio anterior, assistimos à descoberta de um morto a bordo. Saiba-se, porém, que nada de criminoso havia no incidente, pois, segundo a opinião do médico que fôra imediatamente chamado, a morte fôra natural, causada por uma congestão. Os outros dois tripulantes foram, em seguida, transportados para terra e levados para a esquadra, a fim de que a polícia pudesse fazer as necessárias averiguações. Fajoca Caralaroca são imedia-



tamente postos em liberdade e resolve fazer polícia por sua própria conta, pelo que, na manhã seguinte, se dirige de novo à casa do «cego». Com aborrecimento, verificam, porém, que ele acaba de partir num automóvel e, como não dispõem de meios para o perseguir, resolvem passar uma rigorosa busca à casa. Destemido, Fajoca seguiu à frente, quando, de súbito, sente faltar-lhe o chão debaixo dos pés e... zás!... desaparece por um alçapão cuja porta se fecha imediatamente com desagradável ruído. Caralaroca faz em seguida as maiores tentativas para a abrir sem o conseguir, porém. Só sossega quando, daí a pouco, ouve a voz do neto a



tranquilizá-lo dizendo-lhe que, no escuro em que se encontra, achou embrulhos exquisites, com um pronunciado cheiro a tinta de impressão. Diz, também, ter encontrado uma porta de ferro, a qual consegue abrir com dificuldade, achando-se depois em frente dum comprido corredor, ao fundo do qual se avista uma fresta. Pede-lhe que fique à escuta enquanto vai prosseguir nas investigações. Como se demora, porém, Caralaroca decide ir chamar a



olícia. Entretanto... Fajoca tenta mexer numa outra porta, existente na extremidade oposta do corredor e corre a esconder-se a um canto onde, por felicidade, se encontra uma velha vassoura. Alguém se introduzira no corredor e quando, afoito, vai a passar junto do rapaz, este não hesita e com o cabo da vassoura faz estatelar quem quer que é, ao comprido! Trata-se, porém, de pessoa forte pois, embora combatido procura o seu atacante a quem não tem dificuldade em encontrar estabelecendo-se imediatamente uma luta feroz durante a qual Fajoca mostra de novo a sua decisão e valentia. E', todavia, mais fraco do que o seu adversário e quando, já prestes a ser vencido, geme no chão sob o joelho do seu antagonista que lhe bate furiosamente, sen-

tem-se as pancadas violentas dos machados da polícia na porta do alçapão...

Que irá suceder agora? Para a semana será satisfeita a vossa natural curiosidade!...

(Continua)

# A LENDA DO TEMPO

POR RIBEIRO ANTUNES

(Continuado do número anterior)

**N**UM país longínquo, há cerca de dez mil anos, viveu o rei Tempo muito estimado pelo seu povo e que tinha como único inimigo o feiticeiro Furacão, senhor absoluto de uma grande floresta. Por maldade e inveja, o feiticeiro raptou a rainha Primavera, mulher do rei Tempo.

Este, mandou, em salvação da real consorte, três valiosos nobres da sua corte, Dom Verão, Dom Outono e Dom Inverno, por estradas diferentes e enfrentando os mais terríveis perigos e obstáculos de toda a espécie.

Com o seu farnel a tiracolo, Dom Verão começou a palmilhar a estrada da direita com passos enérgicos mas não precipitados, pois sabia ter de reservar energias para uma longa caminhada.

Ao fim de duas ou três horas Dom Verão começou a notar que a temperatura aumentava aquecendo-lhe a pele e secando-lhe a boca e a garganta. Por isto, bebeu sofregamente toda a água que levava no cantil.

Além desta temperatura ele-

vada e da sede insaciável, foi também com surpresa que notou uma certa humidade transpirando do seu corpo e que nunca tinha visto em peles de pessoas ou de bichos.

Como a temperatura no seu país era sempre muito amena e inalterável, não lhe fazendo imaginar que o calor pudesse provocar sede e transpiração do corpo, Dom Verão convenceu-se que tudo o que lhe estava sucedendo era obra mágica do feiticeiro Furacão e supôs-se sofrendo de alguma febre de enguiço. Esteve tentado a escolher uma árvore grande e copada para morrer a sua sombra.

— «Qual morrer, qual carapuça!... exclamou Dom Verão, animando-se a si próprio.»

Num rasgo de valentia, continuou a caminhar. Um pouco adiante, escorrendo suor e com a garganta ressequida, lobrigou um lago. Correu para ele na ideia de saciar a sede e encher o cantil para futuras necessidades.

Sentiu uma alegria enorme, como os meus leitorzinhos devem calcular pelos momentos em que já têm sofrido sede e a-



não podem satisfazer com um copo de água fresca.

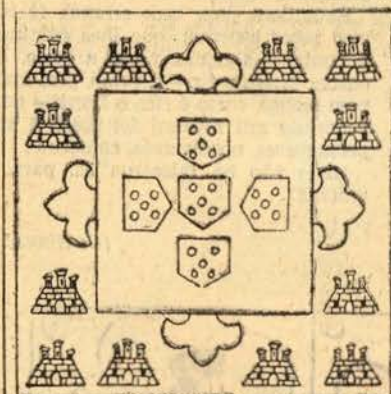
Infelizmente, com compreensível tortura, Dom Verão verificou que o excesso de ca-

lor tinha secado completamente a água do lago e, no fundo, entre as pedras resse-

(Continua na pág. 6)

## BANDEIRAS DE PORTUGAL

DESENHOS PARA COLORIR

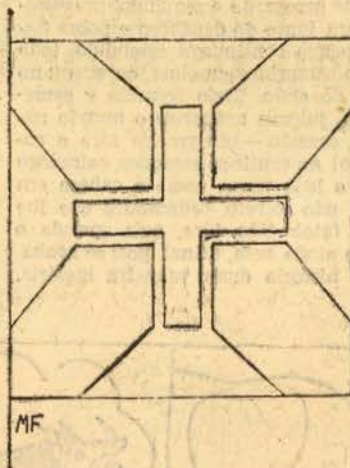


MF

9—Bandeira de D. João I

A cruz de Aviz, de cor verde, assenta numa orla carmezim, onde se vêem doze castelos amarelos.

As quinas são azuis, com os besantes brancos.



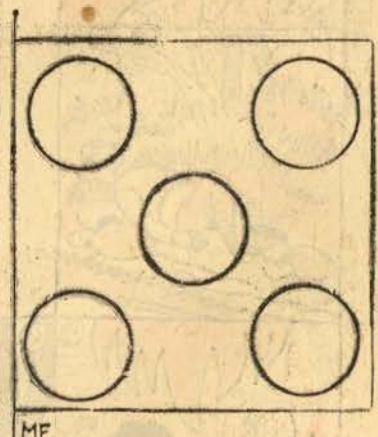
MF

10

Bandeira de Cristo

Na prôa das naus, foi o estandarte da ordem de Cristo que aportuguesou o Mar.

Sobre fundo branco, uma cruz rubra com um filete, também branco.



MF

11

Bandeira das conquistas

\*Azul com os círculos brancos. Quasi todo o mundo viu as suas cores...

# SERAPIÃO TRAPALHÃO EM VIAGEM PELO SERTÃO

(Continuado do número anterior)



(Conto em frases malucas, que nada tem de pedante e em que entra o bom Lucas «a mai-le» o «alfante» além do Serapião, grande «heroi» do sertão!...)

A sorte cruel e adversa que, por forma tão perversa, perseguia os dois «valentes», era em tudo manifesta! Senão, vejamos mais esta bem digna das lamentações com que os queiram distinguir: (Desta vez não é para rir!... — Mentira! — Era a fingir!...) Com a rapidez de um dardo e o olhar flamejante, um enorme leopardo ataca o elefante, saltando-lhe para o dorso, ao qual se agarra com esforço. Cheirando-lhe o caso a esturro, o trombudo solta um urro e torna uma decisão: Rebolar-se pelo chão, esmagando num instante o terrível atacante. Sacando do «carca-buz», o nosso Lucas valente, dispara à toa um «obuz»! Sem ver o que tinha na frente, atingiu o Serapião, que na mesma ocasião procurava a pontaria para acertar na fera. — Valha-me a Virgem Maria! — geme o Lucas quando vê o mau atirador que era. — Quem o mandou a você meter-se, sem ser chamado?... — diz bastante indignado o elefante, coitado, depois de se ter levantado e ainda «azamboado». — Seu grandíssimo «pastel»! Só faz asneira a granel!... — continuou o elefante em atitude arrogante e seguindo, pressuroso, para junto do desditoso e pobre Serapião que continuava estendido, todo ele ao comprido, em cima, ou antes: no meio do chão. Todo trémulo e gemebundo, julgara acabar-se o mundo naquela ocasião — tão grande fora a comocão! Ao sentir-se «tocado», caíra logo para o lado mas... como a cabeça era dura, não sofrera beliscadura que lhe fôsse fatal. Não fôra, pois, grande o mal e ainda bem, afinal, pois se acabaria a história duma maneira inglória.

Uma vez reconfortado, o nosso Serapião, cujo grande coração era em ouro encastado, correu para o companheiro e, com um sorriso brêjeiro, disse-lhe: — Estás perdoado!...

Num abraço fraternal e como dois bons «rapazes», logo fizeram as pazes, enquanto o nosso animal, também muito comovido, se afastava sucumbido, limpando a lágrima furtiva (mas que triste narrativa!) que insistia, teimosa, correndo na pele rugosa do sensível elefante, aquela cena extravagante!...

\*  
\* \*

Há em tudo isto um conceito que é bom reter na memória e ficarei satisfeito com a moral desta história: *Nunca ser precipitado!*

De que deve ser perdoado depois de ter feito asneira que se podia evitar? Também desta maneira tenho por intenção a vossa atenção chamar para um nobre sentimento, que todo o bom coração alberga sem fingimento: *O perdão!* E como a falta de espaço me causa certo «embaraço», por hoje há que terminar, mas não sem lhes anunciar o que haverá, para a semana, da grande fauna africana. Olhando para o horizonte, a verdade esta é que é, vejo ao longe um rinoceronte!... Mais além, um chimpanzé!...

Aguardem, pois, bem serenos (é bonito saber esperar), que lhes continue a contar — algumas vezes a sério, as outras fazendo rir — e verão, sem mais nem menos, como é rico o Império que, vencendo mil vezes, foi possível aos portugueses, nossos avós, construir!

Nisto não há falcatura e... para a semana...

(Continua)



# ONZE MESES NUMA ILHA SELVAGEM

por ZINA CABRAL

(Continuado do número anterior)

Um dia os nossos dois petizes ouviram um ruído desusado que se aproximava.

Os selvagens, que andavam fóra, correram a esconder-se nas cabanas, levando as crianças, mas estas, quando avistaram um avião, riram-se do medo deles, bateram palmas e saíram, pressurosas, para a praia, na esperança louca de serem vistas e socorridas.

Infelizmente, por mais gritaria que fizessem e pulos que dessem, o avião não alto lá, não as viu e continuou o caminho sem baixar.

Tristes, as crianças recolheram à tribo, chorando de pena.

Numa ocasião, Júlio viu, ao longe, uma tênue névum, como de fumo, a sair do mar.

Pensando que poderia ser um navio, avisou logo a irmã e ambos foram sentar-se na areia, muito atentos à lenta marcha daquela leve mancha. Porém, as horas sucediam-se, o fumo avolumou-se, é certo, mas a sua rota era tão distante dali, que nem lhes valia a pena tentar qualquer sinalização que não seria apercebida.

E choraram de pesar, abraçadinhos um ao outro, até que um selvagem os veio buscar à praia, receando que o ar da tarde lhes fizesse mal...

Júlio e Marília exercitavam-se muita vez a subir às árvores e, agora, decorrido tanto tempo, que nem eles sabiam quanto, já conseguiram subir multíssimo alto, com bastante agilidade.

Júlio, na ansiedade de observação,

no desejo de obter qualquer meio de salvamento, passava horas sentado nos mais altos copados de árvore, a investigar o horizonte longínquo, enquanto Marília, em baixo, brincava com pedrinhas e ossos, à espera de novidade.

E assim lhes decorria muito tempo. Certa manhã, o nosso rapaz, no cimo de uma gigantesca árvore, julgou avistar um vapor.

Desceu rapidamente e pediu a cami-



zinha branca da irmã, para a espetar na vara e a prender lá bem no alto. Podia ser que, assim, de longe, a bandeirinha fosse vista. Passaram-se horas de terrível expectativa e ansiedade, até que teve de descer para ir comer a refeição que, ao meio-dia, os selvagens tomavam com eles.

Depois voltaram, disfarçadamente, a brincar, junto da árvore, para não

erguerem suspeitas nos selvagens, e de novo o rapaz tornou a subir.

Em baixo, a irmã entoava um cântico à Virgem, que os da tribo, já de tanto a ouvirem cantar aos pequenos, a haviam aprendido e a entoavam também com a sua pronúncia arrevezada e grotesca.

O pequeno pedira a blusa vermelha da irmã e, com ela, acenava lá do alto, ao vapor, que agora via numa rota mais próxima da ilha.

O vento soprava um pouco forte e, ou fosse pela ondulação das duas improvisadas bandeiras—branca e vermelha—ou porque tivesse mesmo necessidade de passar mais próximo, o caso é que o navio achegava-se bastante.

De bordo assestavam-se lentes, a observar o que se passava e o comandante, supondo ser um pedido de socorro, aquela sinalização em ponto tão elevado, mandou seguir para lá o navio. Quando foi impossível maior aproximação, saltaram escaleres com homens armados para aportar à ilha.

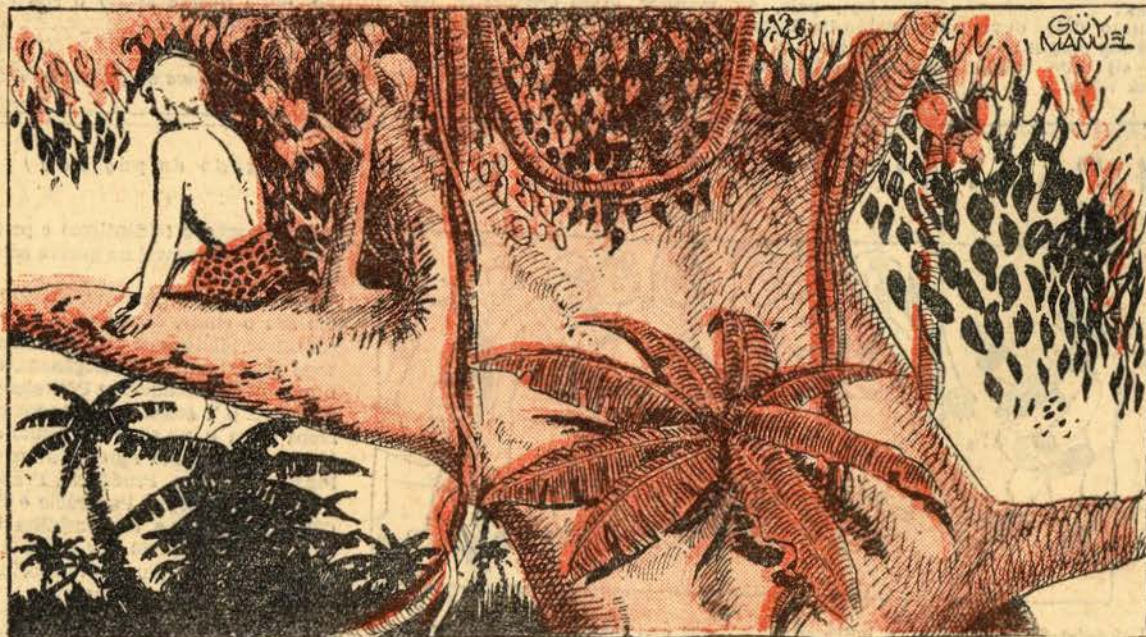
Entretanto, o pequeno descia, contentíssimo, a avisar a irmã.

As duas crianças, receosas de que os selvagens, ao darem pela chegada de estranhos, os viessem buscar para os esconder entre eles, no interior das florestas, subiram ambos ao alto da árvore, de onde chamavam alegremente os salvadores que, de modo inesperado, Deus lhes enviara, mostrando, assim, ter ouvido as suas orações diárias.

Os corações dos nossos pequenos heróis, pulsavam com violência pela comção feliz que os tomava.

Agora, os homens, armados, desciam das pequenas embarcações e,

(Continua na página 8)



■ A LENDA DO TEMPO — (Continuado da página 3) ■

quidas, havia apenas alguns cadáveres de pequenos peixes. Nas margens, uma dezena de rãs, também mortas, era mais um indicio das terríveis consequências da falta do precioso líquido, indispensável à vida. Uma delas, tão seca como se fosse uma simples crôsta, tinha a boca muito aberta e os dentes ainda fincados numa pedra — dando a Dom Verão a ideia perfeita da avidez com que a infeliz rã tinha sugado a última gota de água.

Desalentado, Dom Verão recolheu à frescura de um thoupal.

Pensava na sua triste sorte quando, de repente, reparou que, perto de si, havia um carvalho com o tronco quasi coberto por numerosos bichinhos. Curioso, acercou-se da velha árvore e reconheceu tratar-se do «lucanus», insecto europeu de côr acastanhada, com o comprimento da nossa barata vulgar, antenas negras, dentes agudos terminando em forma de forquilha e que se alimenta dos sucos das árvores, especialmente dos carvalhos.

Reparou Dom Verão que os «lucanus» sorriam a transpiração do tronco e teve uma ideia luminosa. Os lábios, a boca, a garganta escaldavam-lhe com o calor. A sede atormentava-o horrivelmente. Então, em gestos rápidos Dom Verão afastou os insectos e, com a língua e os lábios ressequidos, começou a sorver sofregamente a transpiração da velha árvore. E Dom Verão ria, ria perdidamente, satisfeito e feliz, com a alegria diabólica de encontrar um líquido qualquer que lhe suavizasse a secura das entranhas!

Junto dêle, ouviu uma voz que lhe perguntou:

— «O que estais fazendo, Dom Verão?»

Este, admirado, voltou-se repentinamente e perguntou por sua vez:

— «Quem és tu?!...»

— «Chamo-me SEGUNDO e sou um dos vassallos do feiticeiro Furacão. Foi ele que me mandou ao teu encontro para te prender. Não tentes resistir. Estou bem armado. O palácio é perto daqui. Vamos!»

Dom Verão não esboçou qualquer resistência inútil e, em breves momentos, sempre acompanhado pelo SEGUNDO foi levado à presença do feiticeiro Furacão, que o recebeu com uma gargalhada de escárneo. E disse-lhe:

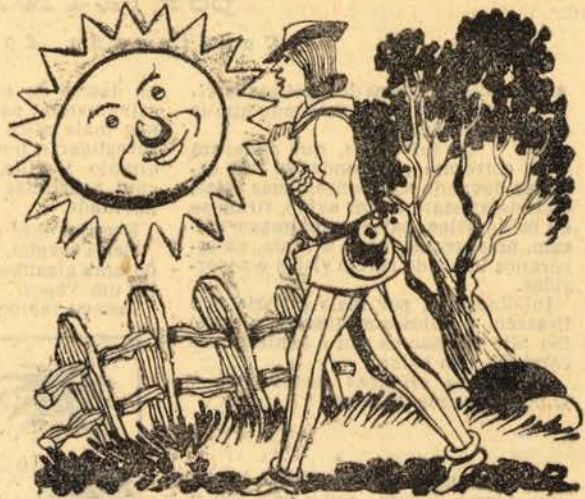
— «A rainha Primavera está na torre mais alta deste palácio. Vindes buscá-la?... Eu a deixarei sair em paz, se os teus dois companheiros, Dom Outono e Dom Inverno conseguirem chegar aqui.

E, voltando-se para o seu vassallo SEGUNDO, ordenou: — «Mete-o noutra torre. Ficas sendo o seu carcereiro. Leva-o!»

Rapidamente esta ordem foi executada. Deixemos Dom Verão no seu cárcere e vamos ao encontro de Dom Outono...

Conforme determinação do rei Tempo, coube a Dom Outono a estrada do meio. Em passo firme e destemido, caminhou sem qualquer desalento e sempre confiante no êxito da sua missão.

Após algumas léguas, Dom Outono começou a notar que dentro da floresta não havia a temperatura equilibrada do seu país. As manhãs eram muito húmidas, as tardes escaldantes e, numa modificação brusca, as noites eram frias.



Com falta de remédios e de cuidados, exposto às inconveniências do Tempo, Dom Outono começou a sentir-se doente. Primeiro, um frio horrível nas costas. Depois, dores na cabeça e uma inexplicável inacção em todos os membros. Por fim, o corpo escaldava-lhe em febre. Não havia dúvidas. Dom Outono estava sofrendo de um forte ataque de gripe.

Extenuado e vencido pela doença deixou-se cair à beirada da estrada.

De repente, alguém com mão forte lhe sacudiu o corpo, fulminando-o com estas palavras:

— «Chamo-me MINUTO. Sou vassallo do Furacão e venho prender-te. Não podes andar?... Levar-te-ei sobre as minhas costas. Sou forte e o palácio é perto. Vamos! Momentos depois, estava Dom

Outono na presença do Furacão. Este, confiando na sua vitória e no desejo de aumentar o seu prestígio, mandou reunir toda a corte. Nos lugares de honra sentaram-se o mágico DIA e a fada NOITE.

Furacão falou-lhes assim:

— «Sabeis do que se trata. Se o terceiro enviado do rei Tempo, Dom Inverno, chegar aqui, mandarei salvar a rainha. Mas se não conseguir vencer os perigos que lhe vou opôr, ordenarei que a rainha e os três nobres sejam degolados!»

E, voltando-se para o MINUTO, ordenou que levasse Dom Outono para outra torre e ficasse sendo o seu carcereiro.

(Continua no próximo número).

■ PANTALEÃO PEQUENO — (Continuado da página 1) ■



todo homogéneo («idêntico») e perfeito como é indispensavel na guerra aérea?»

— «A máxima garantia, senhor! Como sou o chefe, tive o cuidado de só contratar pilotos que constituíssem um todo perfeitamente homogéneo... como o meu nome. Chamo-me Pantaleão Pequeno (p. p.). Assim, todos os meus homens usam P. no apelido! Tenho a subida honra de lhe apresentar os srs.: Prazeres, Peralta, Prudêncio, Praxedes, Policarpo, Procópio, Pancrácio e Possidónio. Como vê, a «Esquadriha P.» é uma esquadriha 100 por cento homogénea!» — concluiu Pantaleão, inchado da sua colossal perspicácia.

E foi-lhe feita, de novo, a indispensavel, fatal e já conhecida pergunta:

— «E que garantias dá o senhor de que a sua esquadriha constitue um

(Continua)

# Secção de bordados, pintura e arte aplicada

## UMA MALINHA INTERESSANTE

Num bocado de talagarsa ou simplesmente pano cru, desenha-se este galo, que a gravura representa, ampliando-o,

Sobre o desenho coloca-se, primeiramente, a crista, (A) em feltro encarnado, (H) em castanho, (F) castanho claro, (E) em alaranjado, (G) em amarelo torrado, (D) igualmente amarelo torrado, (B e C) amarelo claro.

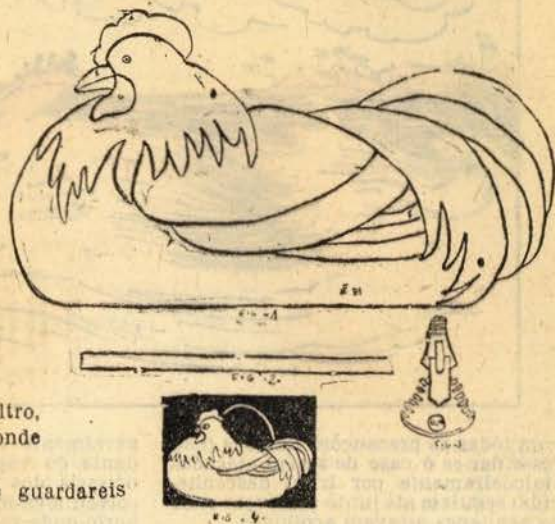
Feito o trabalho e cozido ao pano cru, faz-se o outro lado da malinha, que representa outro galo, exactamente como este.

Depois de concluido o trabalho, contorna-se a ave, excepto a crista e a parte superior com uma tira de feltro, (Fig. 2).

Na parte superior cose-se um fecho «Eclair»: — (Fig. 3).

Entre as duas cristas dos galos, cose-se uma outra tira de feltro, ou duas, que vão prender a outra extremidade, no ponto onde terminar o fecho «Eclair», conforme indica a (Fig. 4).

E eis concluida uma interessante e original malinha, onde guardareis o vosso lenço.



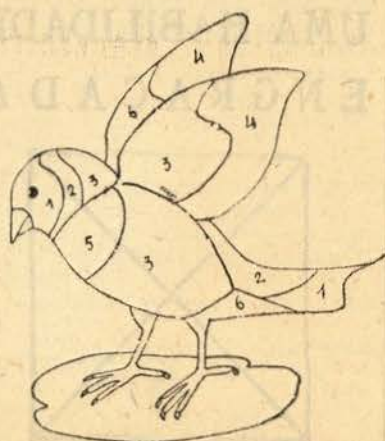
# NO REINO DOS BICHOS

pelas suas penas verdes (1), azuis (2) e castanhas (3).

## DESENHOS PARA COLORIR

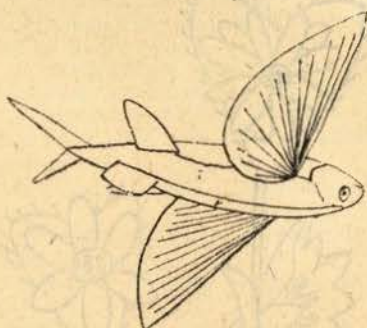
### GOULDIA

### PEIXE VOADOR



Vive na Austrália este passarolo encantador.

A cabeça é azul-escuro (1), com uma lista azul-clara (2) e tem uma parte amarela (3). O papo é roxo (5) e o corpo amarelo (3), com duas manchas: verde (6) e azul-clara (2). A cauda é azul escura (1). As asas são verdes (6) e amarelas (3), com as extremidades castanhas (4).

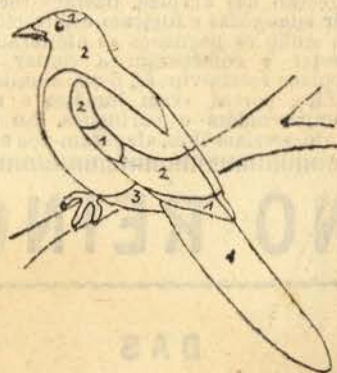


Assim chamado por causa das barbatanas laterais que, extremamente desenvolvidas, lhe facilitam o salto sobre as águas do Oceano. Este curioso peixe é verde (1) e azul (2). Vive nas águas da Califórnia.

### PÊGA

Ave matreira e palradora, a pèga tem muitas variedades.

A pèga da américa é encantadora

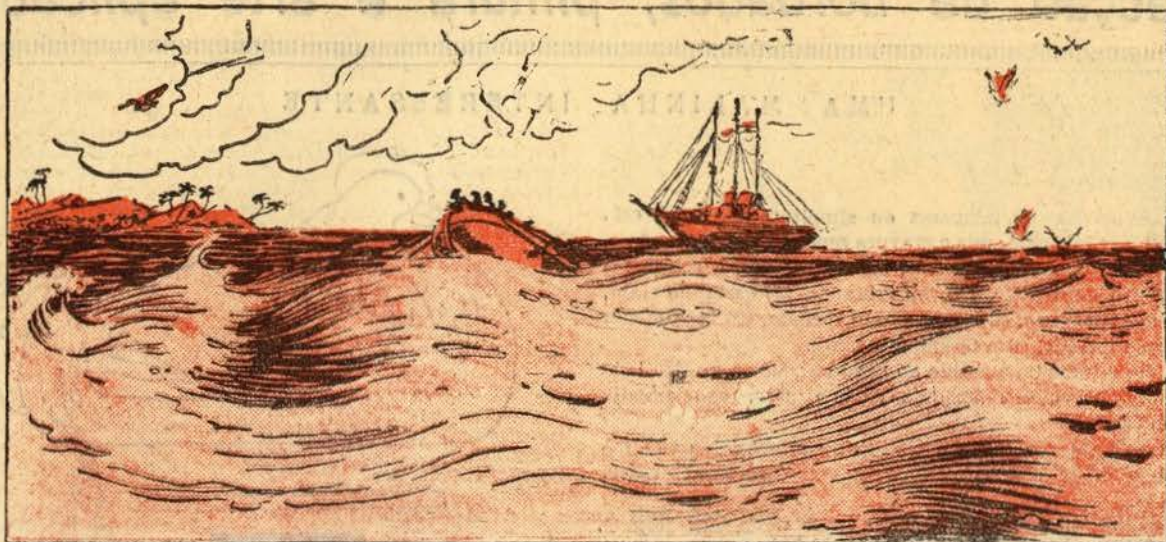


## CIDADES PORTUGUESAS

Substituindo os pontos por letras, encontrar-se-ão os nomes de doze cidades portuguesas.

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| V | . | . | . |
| . | I | . | . |
| . | V | . | . |
| . | A | . | . |
| P | . | . | . |
| . | O | . | . |
| . | R | . | . |
| . | T | . | . |
| . | U | . | . |
| . | G | . | . |
| . | A | . | . |
| . | L | . | . |

ONZE MESES numa ILHA SELVAGEM (Continuado da página 5)



com todas as precauções devidas (não fôsse dar-se o caso de serem atacados traiçoeiramente por tribu desconhecida) seguiam até junto da árvore onde os pequenos estavam acolhidos.

Os selvagens, logo que se aperceberam da chegada de gente estranha, começaram em gritaria e acorreram levando setas e zagalotes para se defenderem, pensando tirar-lhes os dois protegidos, mas, em breve, a fumaça e o estrondo de meia dúzia de tiros, partidos ao mesmo tempo e em direcção das árvores, fizeram recuar por suas vidas e fugiram estarecidos. Só então os pequenos se afoitaram a descer e começaram a contar aos homens recém-vindos, o que sucedera.

Eles, porém, eram ingleses e mal compreendiam o português. No entanto, sorriam-lhes, afagaram-nos ami-

gavelmente e levaram-nos ao comandante do vapor que, a par da triste odisseia dos pequenos naufragos, resolveu levá-los e deixá-los no primeiro porto onde as autoridades tomariam, a seu cuidado, o envio imediato dessas crianças à Pátria e à Família.

A chegada ao vapor, os nossos pequenos choraram de alegria e outras crianças logo lhes ofereceram roupas com que se vestiram, depois de um confortável banho.

Quando o barco estava para levantar ferro, Marília e Júlio contaram o pezar que sentiam por não ter que agradecer aos selvagens da ilha a forma carinhosa como por eles haviam sido tratados, e, então, o comandante, apreciando a beleza da alma e do coração, das duas crianças, ordenou, que um barco fôsse deixar a terra uma

lembrança aos habitantes da ilha: caixas de bolacha, de conservas, de bebidas e alguns panos de cores e vários colares. Os selvagens deveriam ficar contentes e haveria festim e dança em sinal de alegria.

E os nossos dois heróis, depois desta aventura de onze meses entre os selvagens numa ilha desconhecida, partiram, felizes, animados pelo comandante e por toda a tripulação.

Contavam dentro em breve estar na sua Pátria tão encantadora — o lindo Portugal — rodeado da Família que, certamente, os devia julgar mortos no terrível naufrágio em que tantas pessoas perderam a vida!

F I M

NO REINO

DAS

FLORES

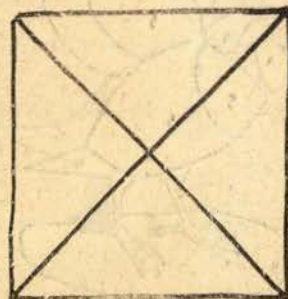
DESENHOS PARA COLORIR

HEPÁTICA AMERICANA

Cálice e folhas verdes. Caule vermelho. Pétalas de cor azul clara.



UMA HABILIDADE ENGRAÇADA



Vejam os nossos pequeninos leitores se conseguem fazer, diante de um espelho, uma figura igual a esta.

E' preciso notar, porém, que não se deve olhar directamente para o desenho. Só por intermédio do espelho.

PROBLEMA

Como obter, apenas com onze fósforos, sete dúzias?